III CICED ***Congresso de Iniciação Científica Estágio e Docência do Campus Formosa***
A Pesquisa no Contexto da Formação Inicial de Professores
ISSN 2594-9691
Universidade Estadual de Goiás
22 e 23 de outubro de 2018

DONA BEJA: UMA MULHER PARA ALÉM DE MINAS GERAIS

Letícia Gomes[1]

Fábio Santiago Cruz[2]

Resumo

Este artigo busca contemplar a narrativa mítica de Dona Beja, uma mulher de uma beleza ímpar que marcou o imaginário das pessoas e que ultrapassou os horizontes de Minas Gerais. Nesse sentido, na abordagem, é essencial apontar sua repercussão na cultura midiática brasileira, e de certo modo, ressaltar a sua presença nos dias atuais na mentalidade dos brasileiros. Assim, um dos objetivos será enfatizar a beleza desta mulher, ressaltando o contexto do Brasil colonial. Em linhas gerais, a observação acerca da temática buscará a apresentação de sua personalidade misteriosa que ainda hoje guarda muitas lacunas a serem preenchidas. Assim sendo, a pretensão também será entender os desdobramentos em que ela foi responsável, de modo específico na reconfiguração territorial que compreende o "Sertão da Farinha Podre".

Palavras-chave: Dona Beja, Figura Mítica, Sertão da Farinha Podre.

Introdução

Ana Jacinta de São José, nasceu em 2 de janeiro de 1800, na cidade de Formiga e morreu em 20 de dezembro de 1873, em Bagagem, atual Estrela do Sul. Tais cidades se localizam em Minas Gerais, cujo este estado foi o palco do enredo desta grande personagem, principalmente, em Araxá, lugar das fontes radioativas em que Dona Beja se banhava e, assim, mantinha sua beleza e sua juventude, o que torna este lugar turístico, as crenças ainda permanecem nas águas radioativas da gruta. Nesse contexto, Agripa Vasconcelos contribui:

> Quando Bêja chegou de Formiga-Grande, eram públicos e rasos os efeitos da água de Araxá, sobre bichos e pessoas. Em 1814, ao voltar da fazenda, ela era frequentadora das águas, aonde ia com o avô, bebendo da Fonte da Jumenta. As águas minerais da vasta depressão do terreno, no Barreiro, eram erupções líquidas e gasosas de vulcão extinto há milênios de anos (VASCONCELOS, 1966, p. 173).

[1]Discente na Universidade Estadual do Goiás. E-mail: leticiagomes0696@gmail.com
[2] Docente da Universidade Estadual de Goiás. E-Mail: f.santa.cruz@hotmail.com

Sendo assim, a gruta existente no Complexo do Barreiro em Araxá homenageia Beja e, através de uma rocha vulcânica, expele uma das águas mais maravilhosas para o corpo humano, acelerando e desintoxicando metabolismo. Tal fator reverbera na condição de ser considerada a mulher mais bonita de Araxá. Por outro viés, Dona Beja pode ser analisada pela sua representatividade mítica, observável na fonte que leva seu nome em Araxá, no Complexo do Barreiro. Nesta cidade, também existe um museu que conta a sua história.

Para Everardo Rocha, o mito é algo sem realidade, que não pode ser comprovado e que acontece no social, e, de certo modo, a narrativa mítica de Dona Beja vai de encontro a essa ideia, apresentando- se no imaginário coletivo de toda uma sociedade.

Beja esbaldava beleza e juventude, fator que disseminava ciúmes nas mulheres próximas a ela, sendo do bordel e até mesmo a da sociedade de Araxá. Entretanto, ela era doce e ingênua, não sabia o que estava se passando, apenas vivia sorrindo e cuidando do seu corpo. Sua alegria ajudava a esquecer seu triste passado.

O apelido “Beja” ou “Beija”, se dá por ser comparada a uma flor de nome “Beijo”, encontrada na região, e também, a um “beija-flor”, que é um pássaro belo e delicado, esses fatores teriam sido inspirações para o povo de Araxá e Antônio chamá-la assim. Ela se apaixonou por Antônio, membro da elite de Araxá, porém, a mesma viveu somente dois anos com ele, sendo que foi levada à força para Paracatu, para viverem juntos.

Embora ela não possuísse estudos, sempre buscava aprender com os intelectuais com quem passava as noites de amor na Chácara do Jatobá. Deve-se salientar a sua ambiguidade, de modo que atraía os homens e por outro lado, o ódio das mulheres era inevitável, ora que a cortesã se deitava com muitos homens casados.

Neste bordel, esta linda mulher acumulava muitas riquezas, sendo que era muito cobiçada, o que resultava em vestimentas luxuosas, jóias e muitos escravos que eram muito fiéis a ela. Nesse contexto, temos:

> Beja, conformada com a vida que levava, pensava em, pelo menos, amealhar alguns recursos. Esses encontros geravam uma sobre- renda bastante gratificante. Ela possuía todos os atributos para mexer com as fantasias dos homens: bonita, reservada, amasiada, sensação de perigo e aventura. Sabia valorizar esses encontros arriscados que não eram muito corriqueiros. Mesmo pagando caro, as fantasias levavam cada

> garanhão a se julgar escolhido ou preferido. Alguns ligavam-se afetivamente, resultando em maiores gastos. Beja não tinha despesas e, a cada ano que passava, foi aumentando suas reservas (ROSA, 2011, p. 219).

Era uma mulher muito seleta, pois só dormia com homens brancos e endinheirados, excluía os negros, mesmo que os mesmos tivessem fortuna. Os desejos da bela cortesã não se limitavam em apenas acumular dinheiro e dormir com homens, porém, ela procurava aprender os bons modos e adquirir conhecimento intelectual. Na Chácara do Jatobá, lugar que transformou sua casa em bordel, Beja, com seu amigo Fortunato, boticário da época, formulavam porções que faziam com que os homens fossem manipulados conforme as vontades dela.

A figura mítica de Beja é tão grandiosa que a cidade de Araxá reverbera o seu nome, logo recebe uma multidão de turistas vislumbrados pela sua história. Diante disso, Rosa Maria Spinoso de Montandon acrescenta que "O visitante que chega à Araxá certamente será surpreendido pela presença constante de Dona Beja como marca de uma ampla gama de produtos e serviços que começa a encontrar desde que escolhe o lugar onde se hospedar até o primeiro café do dia" (MONTADON, 2000, p. 9).

Para Maria Santos Teixeira, a narrativa mítica de Dona Beja envolve muitos mistérios, que ainda hoje existem muitas lacunas que precisam ser investigadas. Desse modo, as fontes documentais acerca da sua personalidade são poucas e limitam o conhecimento mais amplo de sua história, haja visto que até as fotografias praticamente inexistem.

Os relatos dos viajantes que passaram pela região de Araxá, à título de exemplificação, temos o cientista francês, Saint-Hilaire, veio para coletar amostras de plantas e produziu alguns relatos, citou o Barreiro, e das águas com odor de ovo choco, e do engenheiro Eschwege, mas sobre as prostitutas, em especial, sobre Beja, a constatação foi a seguinte:

> Três dessas prostitutas ficaram mais conhecidas: Candinha da Serra, Josefa Pereira e Beja. A última teria chegado a Araxá perto de 1816, com 16 anos, mas não é citada por Saint-Hilaire nem por Eschwege ou por qualquer viajante que estava no local na época ou nas décadas posteriores (ROSA, 2011, p. 212).

Em contraposição aos relatos dos viajantes, nas lendas que circulam em Araxá, a população transmite que as atividades de Beja começaram a diminuir por causa do

nascimento de mais uma filha, da chegada da idade, o que desencadeou na venda da chácara e na sua ida para a cidade. Assim, ela ficaria mais visualizada pelos pretendentes e mais próxima da sociedade. Foi para Bagagem, onde o havia um garimpo, e tendo em vista que ela não tinha muita afeição por Araxá e uma das suas filhas já residia lá. Viveu a maior parte da sua vida neste local, morreu e foi enterrada, porém, acerca da localização do túmulo não há informações.

Esta mulher possuía uma beleza ímpar, capaz de atrair os homens da região, inclusive de outros lugares, desta forma, verifica-se que a tamanha beleza de dona Beja ultrapassou os limites de Minas Gerais, se tornando um mito, este que foi biografado pelo escritor Agripa Vasconcelos e corrobora:

> Na trajetória de vida da Dona Beja "biografada", o amor e o desejo foram os responsáveis por todas as ações e acontecimentos, e foram capazes de fazê-la subverter as convenções sociais. Sua ascensão social é o que a faz a Beja "mito" de Minas Gerais. A história, mesmo a oficial, não pode negar o poder de sedução da bela mineira, que permanece como lenda até a contemporaneidade. De uma simples provinciana, chega à condição de senhora refinada, de gostos e modos apurados, semelhantes aos das mulheres da nobreza de Portugal (FREITAS, 2006, p. 27).

Beja é considerada uma figura mítica, visto que é construído em torno de sua personalidade relatos que permeiam o imaginário e a mentalidade de toda uma sociedade e claro, repercute nos dias atuais. Para Elizete Freitas (2006, p.14.), "Beja virou uma lenda, com traços da Marquesa de Santos – sua contemporânea – , de Lucrecia Bórgia, de Maria Antonieta e de muitas outras mulheres que marcaram a fogo, coragem e liberdade o tempo em que viveram". E toda história por trás da cortesã de Araxá pode ser vislumbrada e investigada no Complexo do Barreiro e no Museu Dona Beja, ambos localizados na cidade de Araxá e, também existe um museu que contempla a sua figura.

A dama de luxo foi inspiração da telenovela *Dona Beija*, e a repercussão em torno dela aumenta no ano de 1986, quando a extinta Rede Manchete passa a exibir esta telenovela que faz jus a sua história, de modo que os telespectadores contemplam a grande mulher, ultrapassando os limites de Araxá e, alcançando nível nacional. De acordo com Claúdio Paiva (2001, p.07), "certamente a figura de "Dona Beija" faz parte da história das riquezas do Estado de Minas de Gerais, e do Brasil, e se tornou uma telenovela popular em diversas partes do mundo". Assim, este mito perpassa no

imaginário dos telespectadores não somente em território mineiro, mas atinge a grande massa brasileira.

Os mitos que circulam em Araxá apontam que em 1815, Ana Jacinta acabou sendo raptada pelo então amante, Joaquim Inácio Silveira da Mota, o ouvidor de Dom João VI. Mota residia em Vila Boa, capital da Província de Goiás, localidade que pertencia ao "Sertão da Farinha Podre". Quando conheceu Beja em uma das comemorações em sua homenagem, logo se apaixonou e planejou raptá-la. Diante disso, na ocasião do rapto, o avô da bela mulher foi assassinado pelos guardas do ouvidor.

O destino de Joaquim era a Vila de Paracatu do Príncipe, onde o povo não saberia do seu paradeiro e, também, estaria salvo do governador de Goiás, sendo que era seu inimigo. Mota procurou educar sua amada conforme os costumes da Coroa Portuguesa, da qual possuía amigos de influência, inclusive da Família Real. Contudo, estava ameaçado pela justiça de Goiás, e para resolver esta problemática, ele utilizou suas influências para que o "Sertão da Farinha Podre" fosse reintegrado à Minas Gerais. E claro, queria se livrar definitivamente da perseguição do governo goiano.

O termo "Sertão da Farinha Podre" corresponde aos sacos de farinha que os bandeirantes desbravadores da região deixavam pendurados nos troncos das árvores. E, quando voltavam ao lugar marcado, o produto estava apodrecido. Dito isso, o autor Ernesto Rosa argumenta:

> A Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba possui muitos nomes, mas é mais conhecida, desde muito tempo, com Sertão da Farinha Podre. Ela possui uma história densa e interessante. Em um primeiro momento, a região era povoada pelos caiapós. Em um segundo momento, todo o Sertão da Farinha Podre ficou sendo um único Julgado, com a cabeça em Desemboque. Em seguida, o grande Julgado, foi desmembrado em dois: o de Desemboque e o de Araxá. Em um quarto momento, os dois julgados foram unificados em um único município com sede em Araxá (ROSA, 2011, p. 7).

Nesse sentido, esta região foi povoada, com construções de estradas que facilitavam o trânsito das pessoas, o garimpo, a agropecuária e, por fim, as ferrovias chegaram como o sinal da industrialização. Por outro lado, o povoamento do Sertão da Farinha Podre se deu com a dizimação dos índios caiapós, sendo que estes dominavam o sertão e, também os quilombolas que foram mortos com a descoberta do ouro pelos portugueses. O ouro encontrado no rio das Velhas, atual rio Araguari. Dessa forma, o contexto do início do Sertão da Farinha Podre é uma guerra contra os caiapós. Diante disso:

> Com a descoberta de ouro em Goiás, começou uma corrida do ouro, gerando um trânsito de pessoas transportando essas riquezas e também mercadorias, tanto de São Paulo como de São João Del Rei para Goiás, gerando duas importantes picadas. O problema era atravessar o Sertão da Farinha Podre, ferozmente defendido pelos caiapós. Uma tentativa de solução seria implantar aldeias de índios aculturados ao longo das trilhas e manter policiamento (id. , p. 81).

Inicialmente, esta região pertencia a Goiás, era um lugar que ligava a Minas Gerais, uma fronteira muito disputada pelos mineiros, que via de regra, muitas vezes quiseram anexar ao território deles. Sendo assim, o ouro competia uma série de encantamento, em contraposição, existia a problemática dos impostos altíssimos, como o quinto do ouro enviado à Portugal, a qual chamavam de quinto dos infernos.

O povoado de Desemboque foi essencial para este sertão, pois era fronteira com Goiás e com São Paulo, com localização próxima ao Rio das Abelhas e ao Rio Grande, logo depois da Serra da Canastra. Isto posto, essa passagem é assim chamada por ser onde a trilha paulista desembocava.

O Julgado de Araxá, mais tarde cidade de Araxá, tem esse nome por causa dos índios araxás que foram trazidos para o povoamento e para amenizar as relações difíceis com os caiapós, porém, houve a extinção deles, os índios caiapós os devoraram.

Posteriormente, como o Sertão da Farinha Podre era um território bem visado por causa das riquezas que nele possuía, as autoridades de Goiás sentiram a necessidade de enviar seus soldados a fim de proteger estas terras. Contudo, essa situação revelava a intenção de todos, visto que em Goiás não se pagava o quinto de ouro**.** Tendo em vista que a região era mais próxima da jurisdição de Minas Gerais, cabia a Goiás proteger o que era dele, conforme a sesmaria.

Assim sendo, a região denominada de Araxá ganhou dimensão maior na província de Minas Gerais, o comércio estava voltado com Minas Gerias, logo estava restrito com a província de Goiás. Sendo assim, esta ligação demonstrava a necessidade de transferir o Sertão da Farinha Podre para Minas Gerais. Sendo que:

> Muitas coisas estavam mudando. A primeira geração de moradores de Araxá continha muitas pessoas que vieram por problemas com a justiça de Minas, por isso, pularam a fronteira para Goiás. Mas a segunda geração não tinha esses problemas e gostaria de se anexar a Minas. Afinal, lá era o mercado consumidor, lá estava a civilização e não para o outro lado, para mais interior (ROSA, 2011, p. 166).

Dessa forma, os impostos para a travessia da fronteira seriam extintos, visto que o a integração do Sertão da Farinha Podre eliminaria de vez as taxas burocráticas enviadas ao rei de Portugal e de certa forma, a insatisfação do povo de Minas seria minimizada, sendo que já pagavam muitas taxas de trânsito e também o quinto do ouro.

Ao passo que haviam muitas dificuldades em virtude que as autoridades goianas se localizavam mais distantes comparando com as de Minas, ficava complicado administrar tamanha jurisdição. Diante disso, o controle da bandidagem, e dos contrabandos estava se impossibilitando cada vez mais.

Agora desmembrados, os julgados de Araxá e de Desemboque se tornaram apenas um, o de Araxá. Com isso, a população deste julgado almejou de forma mais intensa de desanexar o território do Sertão da Farinha Podre, as pressões ao governo se tornaram mais constantes:

> O assunto tomou vulto, os interesses eram muitos e os ricos fazendeiros da progressista Araxá começaram a se organizar. Cada um usava das armas de pressão de que dispunha. Uma das iniciativas foi elaborar um abaixo- assinado e mandar um emissário à Corte Real do Rio de Janeiro, requerendo a anexação do Sertão da Farinha Podre a Minas Gerais. Foi quando o Major da Costa Pereira tomou posição dizendo que estava disposto a levar o abaixo- assinado e permanecer no Rio de Janeiro até conseguir o intento (ROSA, 2011, p. 193).

O documento com as assinaturas argumentava que as autoridades que residiam em Vila Boa de Goiás se situavam a 153 léguas de distância, sendo que Minas Gerais e Paracatu estavam mais adjacentes. O major Antônio da Costa dirigiu- se para o Rio de Janeiro e se encarregou da designada missão. Portanto, Ernesto Rosa (2011, p. 194), contribui que diante da pressão e com o povoamento da região, o pedido foi atendido por D. João VI a 4 de abril de 1816, ficando os julgados de Araxá e Desemboque pertencendo à Capitania de Minas Gerais e dependente da Comarca de Paracatu.

A população de Araxá entrou em festa diante da resposta positiva do Rei, mas de fato não se sabiam de fato o que tal ajuste territorial de Minas Gerais significava, sendo que as pessoas eram na maioria analfabetas e não se inteiravam em conhecer a política local. Em contrapartida, o mapa de Goiás foi reconfigurado. Porém, a respeito dessa mudança territorial, a figura de Beja ainda é muito disseminada como a responsável de tal reconfiguração, mas Ernesto Rosa argumenta que:

> A história tradicional criou uma lenda ao redor da Dona Beja. Ela

> existiu, exerceu sua atividade em Araxá e se mudou para Estrela do Sul. Apenas isso! O rapto do ouvidor e a sua interferência para mudar o Triângulo Mineiro para Minas Gerais são invenções. Aliás, Beja, uma garota analfabeta, de 16 anos, não poderia elaborar uma trama dessas, por mais que estivesse apaixonada pelo seu "raptor e assassino de seu avô". Sem falar que não possui sentido, de vez que o "crime de rapto" teria ocorrido em Araxá, que era em Goiás, e o ouvidor estava em segurança em Paracatu, Minas Gerais. Por fim, não existiu tal ouvidor. Mais uma lenda local que, claro, não possui documentação (ROSA, 2011, p. 258).

Ademais, existem dois documentos que comprovam a transferência do Sertão da Farinha Podre para Minas Gerais. Sendo eles: o abaixo-assinado feito pela população de Araxá que pedia tal transferência, e o outro consiste no alvará redigido pelo Rei que demonstra o acontecimento.

O Sertão da Farinha Podre foi emancipado em 11 de setembro de 1830, a sua sede ficou em Araxá, a qual já possuía hegemonia sobre o restante dos territórios que compunham o sertão. Já o Desemboque foi eliminado e anexado às terras de Araxá.

Sobre o lugar em que se localiza a Fonte de Dona Beja, destaca-se que as águas do Barreiro eram muito salgadas, associadas ao ovo podre, com cheiro forte e gosto ruim. E por muitas vezes, a coloração manifestava na cor vermelha e o odor se espalhava pelas árvores. E, este fator pode ser também uma explicação do território Sertão da Farinha Podre ter essa denominação.

Além da lenda maior de Araxá, a Dona Beja, há muitas outras, e uma delas que explica o cheiro de ovo podre das águas do Barreiro. Desse modo, contam que um ovo enorme caiu dentro da água causando uma explosão e um grande buraco e quando os índios foram ver, encontraram as nascentes com cheiro de ovo choco.

E por falar em Dona Beja, é no Complexo do Barreiro que existe esta fonte que homenageia esta lendária mulher, das quais as águas possuem características semelhantes das referidas anteriormente.

O Brasil colonial, caracterizado pela sociedade patriarcal, assim se constituía com a referência de uma personagem feminina, que foi responsável pela transferência das terras de Desemboque, as quais pertenciam ao território goiano para Minas Gerais, assim, modificando os mapas.

Nesse contexto, a figura mítica de Beja ultrapassa os horizontes de Minas Gerais, desse modo, é ela que é a responsável pela recuperação do Triângulo ao território mineiro, pelo acontecimento de seu rapto e por ser amante do ouvidor português. Beja vai além, ela modifica mapas do período colonial. Nessa perspectiva,

Dona Beja, se apresenta como uma mulher má, vingativa, perversa e sem qualquer ponta de remorso por seus atos. O mito em torno dela começou a circular em 1915.

Destarte, para finalizar o mito, Mota por ser casado, retorna para a terra portuguesa e abandona Beja. Com seu regresso, particularmente as mulheres, ignoram ela na sociedade, sendo um exemplo de vulgaridade, pois o conservadorismo reinava neste período. Contudo, surge nela o desejo de vingança, o que desencadeia nos casos sexuais com os homens, sendo casados ou não. Ademais, a figura feminina de beleza extrema, se torna a cortesã mais famosa de Minas Gerais.

Metodologia

O objeto que foi estudado se centrou na figura mítica de Dona Beja, uma mulher que ainda hoje desperta o imaginário dos brasileiros. Dessa forma, para desenvolver esta pesquisa, foi necessária uma série de indagações que contemplam o seu mito, de modo que as bibliografias consultadas, em especial os livros: A vida em Flor de Dona Bêja e Sertão da Farinha Podre foram de encontro com as expectativas esperadas. Além das consultas bibliográficas acerca da temática, os vídeos e os capítulos da telenovela Dona Beija serviram de embasamento para o desenvolvimento do artigo.

Ademais, a visita que fiz no ano de 2016 em Araxá, os relatos orais de algumas pessoas que possuíram alguma experiência no território mineiro, minha visita na Fonte de Dona Beija e a observação de algumas fotografias, contribuíram de forma significativa nesse estudo. Portanto, o seu mito foi inspiração da telenovela Dona Beija, e a repercussão em torno dela aumenta no ano de 1986, quando a extinta Rede Manchete passa a exibir esta telenovela que faz jus a sua história, de modo que os telespectadores contemplam a grande mulher, ultrapassando os limites de Araxá e, alcançando nível nacional.

Resultados e Discussão

Os resultados se concretizaram em um artigo que buscou trabalhar a questão do mito que envolve Dona Beja e seus desdobramentos refletidos na transferência territorial de Goiás para Minas Gerais. Nesse sentido, a pesquisa demonstrou que a rainha de Araxá apenas existiu apenas no imaginário, visto que não há comprovações reais de sua existência.

Considerações Finais

Com a finalização da pesquisa, o desafio de trabalhar com o mito e com a veracidade dos fatos, o que ficou perceptível foi a figura mítica de Beja que ultrapassou os horizontes de Minas Gerais, desse modo, é ela que é a responsável, de acordo com o viés mítico, pela recuperação do Triângulo Mineiro ao território de Minas Gerais, pelo acontecimento de seu rapto e por ser amante do ouvidor português. Beja vai além, ela modifica mapas do período colonial. Nessa perspectiva, Dona Beja, se apresenta como uma mulher má, vingativa, perversa e sem qualquer ponta de remorso por seus atos.

Referências

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FREITAS, Elizete Albina Ferreira de. **A Vida em Flor de Dona Beja: Entre a Ficção e a História**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, 2006.

MONTANDON, Rosa Maria Spinoso. **Dona Beja: Desfazendo as Teias do Mito**. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2000.

PAIVA, Cláudio. **Mitologias do Feminino na Cultura das Mídias Gênero, cotidiano e sociabilidade na ficção da TV**. Universidade Federal da Paraíba, 2001.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Brasiliense. 2012.

ROSA, Ernesto. **Sertão da Farinha Podre**. Araxá, Minas Gerais: Erosan, 2011.

TEIXEIRA, Maria Santos. **O Solar de Dona Beija**. Belo Horizonte: Gráfica Santa Edwiges, 1965.

VASCONCELOS, Agripa. **A Vida em Flor de Dona Bêja**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1966.